

4

Exercício Etnográfico: Por uma descrição do curso presencial

Como designer, fui convidado pelo professor Armando Martins de Barros, coordenador do Projeto de Escolarização dos Agentes de Saúde, a observar o curso e os usos dos cadernos paradidáticos e, posteriormente, auxiliar na elaboração do material paradidático. No entanto, ao longo do processo verificamos a inviabilidade da inserção do trabalho do designer por causa do curto prazo para elaboração do material. Desta maneira, minha ligação ao projeto foi direcionada para uma publicação a ser realizada ao fim do curso, reunindo o material e as aulas produzidas ao longo do projeto.

Neste sentido, o presente capítulo consiste em um exercício etnográfico acerca dos encontros presenciais do Projeto. No exercício, são apresentadas as interpretações e realizadas a partir das observações feitas através de minha participação no Projeto de Escolarização dos Agentes de Saúde, na qualidade de visitante, para investigar as questões relativas ao uso dos cadernos e materiais paradidáticos a fim de pensar a inserção do designer neste processo.

4.1.

Chegada: o contato inicial

A rotina do curso começa logo pela manhã. Após o café, juntei-me à equipe Juruá, hospedada em Paraty, que se deslocaria para o espaço reservado para a aula, em Patrimônio, distrito da cidade afastado do centro histórico. A cena já havia se repetido em minhas visitas anteriores, e a preocupação com o atraso era uma constante em todas elas, pois deixar os índios esperando, de acordo com a experiência da equipe, causaria diversas queixas e indisposições.

Pegamos nossa condução às oito da manhã e seguimos para a estrada, costeada pela serra verde e arborizada do litoral sul fluminense. Após uns vinte minutos, a van da FUNASA estacionava próxima a entrada da sede da Associação Cairucu, na bifurcação da estrada que leva a Trindade, dentro da área de proteção ambiental do Cairucu.

Depois do desembarque as bolsistas da graduação em educação da UFF e UERJ ouviam as instruções do coordenador do curso, que distribuía as tarefas para todos,

enquanto isso eu deixava o meu material pessoal de lado para auxiliar a pegar cadeiras e trazer as bancadas para compor o espaço de sala de aula. Essa arrumação era necessária, pois o local não é uma escola, mas uma associação que cede o espaço para os encontros do curso.

Enquanto arrumava a sala, os Guarani começavam a chegar. Entre eles predominavam os pertencentes ao subgrupo Mbya, provenientes das aldeias de Araponga, Sapukai e Itaxi, mas havia também a presença de alguns Nhandeva, habitantes da reserva indígena de Rio Pequeno. Com a chegada dos cursistas começaria mais um encontro presencial do Projeto de Escolarização dos Agentes de Saúde, que acontece no início de cada mês.¹

Os Guarani haviam dormido na pousada próxima à sede da associação, e em pequenos grupos chegavam, permanecendo do lado de fora, enquanto alguns poucos entravam e ocupavam seus lugares. Havia indivíduos aparentemente mais tímidos, mais silenciosos, e já outros mais falantes, que cumprimentavam e até brincavam com a equipe Juruá. O grupo, bastante diversificado, apresentava uma faixa etária de 16 a 40 anos, composto por homens e mulheres, algumas delas acompanhadas de seus filhos pequenos. Por um lado, boa parte dos cursistas conversava na língua Guarani enquanto aqueles que buscavam alguma interação com a equipe Juruá buscavam falar em português. Por outro lado, apenas alguns dos Juruá arriscavam uma palavra ou outra em guarani, mas ninguém manifestava algum domínio sobre a língua que se estendesse além de algumas frases, como por exemplo a saudação “*Djau i dju*” (Bom dia).

4.2. A sala de aula

A sala de aula no espaço da “Cairuçu” constituía o local mais freqüente do curso. Segundo a equipe Juruá, ela possuía uma “boa estrutura”. O local situado nas proximidades da reserva ambiental possuía duas grandes portas laterais que permaneciam abertas, sendo que uma permitia observar a vegetação próxima, no loteamento logo abaixo da sede. O espaço era relativamente bem iluminado por luz natural, ventilado e amplo o suficiente para abrigar as duas bancadas grandes o bastante para os vinte cursistas. As duas bancadas eram mantidas paralelas em direção ao quadro branco, colocado de maneira improvisada apoiado sobre um banco

¹ Uma das bolsistas me informou sobre a distinção dos dois subgrupos e da diferença de aspectos da cultura e da língua, indicando quem pertencia a qual grupo.

em direção diametralmente oposta à grande porta lateral. A associação contava também com aparelhos de televisão, vídeo cassete e DVD, recursos explorados esporadicamente nas aulas.

Assim que as salas de aula foram arrumadas, as duas grandes bancadas foram ocupadas pelos agentes e professores indígenas que começaram a se sentar em agrupamentos. Os homens, neste caso a maioria numérica, sentavam-se em grupo, em geral separados das mulheres, as exceções eram alguns casais que se sentavam próximos. Nesses agrupamentos não se notava a separação por aldeia de origem ou por subgrupo da etnia, estas diferenças me pareceram ser pouco relevantes na definição dos grupos em torno da bancada.

Como a “sala de aula” encontra-se numa estrutura ampla e arejada, o espaço foi bastante explorado pelo filho de uma agente. Não era raro ver a criança mexendo nos objetos, correndo ao redor das mesas, ou sendo repreendida pela irmã mais velha. Nem a mãe e nem os demais cursistas pareciam incomodar-se com a ação das crianças pequenas, que às vezes queixavam-se e brigavam, mas só conseguiam atrair a atenção da mãe quando esta sentia necessidade de intervir. Do contrário, as mães delegam o cuidado da criança menor a uma menina um pouco mais velha, em torno dos sete anos de idade. Essa prática parece estar relacionada à preparação da menina para a maternidade, que na sociedade Guarani pode ocorrer em torno dos quinze anos.

Em relação ao grupo de cursistas, não faziam muitos deslocamentos durante as aulas, permanecendo sentados durante a maior parte do tempo, com alguns se levantando apenas para ir ao quadro, quando solicitados, ou para ir ao banheiro, quando necessário. Aguardavam os intervalos para se dispersar ao redor da sede, quando a maioria se dirigiu para os fundos, local onde o lanche é servido. Depois alguns homens deslocaram-se para frente da sede para conversar e fumar cigarro, cachimbo ou o *petyngua*, o cachimbo tradicional dos rituais Guarani.

4.3.

Rotina do curso

4.3.1. Rituais de Abertura

Depois da chegada da equipe Juruá, da arrumação da sala e da chegada dos Guarani, a aula se inicia. Antes que o professor Juruá da aula do dia começasse, houve uma espécie de rito de abertura do curso, realizada pelo coordenador Armando Martins de Barros, que apresentou a equipe presente e o novo caderno de atividades que foi entregue em seguida. Na abertura ele também descreveu a programação do

encontro e solicitou que um representante do grupo de cursistas participasse, falando sobre o novo encontro.

Nos discursos de abertura é comum que o representante Guarani faça uma oração, geralmente na Língua Guarani, e peça bênçãos a Nhanderu para que tudo corra bem durante os dois dias de curso. Porém, em um desses discursos, foi possível observar que o agente Pedro Karai Miri Benite aproveitou para avaliar a importância do curso para o grupo. Ele começou seu discurso em guarani e, ao longo de sua fala, foi possível distinguir algumas palavras em português como “agente de saúde”, “não completou os estudos”, “dificuldade”. Em seguida o agente “traduziu” sua fala, dizendo que o curso era uma forma de ajudar os agentes, que o curso atua na capacitação daqueles que não completaram os estudos e que o curso os auxilia em suas dificuldades. Destacou também ser importante o trabalho em conjunto e alertou os colegas afirmando: “não devemos abandonar o curso, por que é importante para nós e para a comunidade”. Após o discurso os cursistas aplaudiram e só então a aula começou.

A manifestação dos cursistas demonstra a preocupação em desenvolver um projeto em conjunto, pois a demanda pelo curso foi colocada pelo próprio grupo de agentes e líderes Guarani que identificaram as carências e participaram de sua proposta pedagógica junto com a equipe Juruá.

4.3.2.As abordagens Juruá

Na aula de ciências, o professor Juruá Celso Sanchez demonstrava ter a simpatia de muitos cursistas por tentar comunicar-se em guarani, arriscando várias frases num esforço apreciado e elogiado por eles. Embora se divertissem com os erros, eles também se sentiam responsáveis por corrigir o professor no uso da língua. Este esforço do professor em estabelecer aproximação das linguagens também pode ser observado ao longo da aula, como no caso em que ele tratou do corpo humano: ao apresentar os órgãos, sistemas e suas funções com o recurso de um modelo humano constituído por cabeça e tronco trazido pela equipe da organização, Celso aproveitava para interrogar os cursistas se determinado órgão possuía nome em guarani, em caso afirmativo anotava o nome no quadro, em caso negativo propunha aos cursistas que dessem “um nome em guarani” para o órgão.

Nas aulas de matemática, a professora Juruá Gabriela Barbosa buscava a participação da turma através de elementos cotidianos que ela trazia para a sala de aula como tema da proposição de exercícios. Quando trabalharam com divisão e unidades de medida, a Gabriela trouxe dois ovos de páscoa e interrogou como o ovo poderia ser igualmente

dividido entre os cursistas presentes. A proposição do exercício despertou entusiasmo na turma, diante da perspectiva de poder comer o ovo após a solução do problema. Em outra situação, usou as informações nutricionais do verso de uma caixa de bombons para trabalhar porcentagens, recompensando o esforço dos cursistas distribuindo os bombons entre eles.

Os dois professores Juruá aparentam buscar essa aproximação das experiências cultural e cotidiana dos cursistas. Há nos dois casos proposições de exercícios que consideram a atividade dos agentes como medir dosagens de medicamentos ou conhecer como os medicamentos atuam no corpo, no entanto, a forma de abordar os conteúdos é bem diferente.

4.3.3. Uso dos recursos didáticos e paradidáticos

Apesar das aulas se constituírem principalmente na atuação dos professores Juruá, especialmente na exposição oral e no diálogo com os cursistas, outros recursos também são explorados para se trabalhar os conteúdos das disciplinas.

Os Cadernos Paradidáticos, distribuídos no início do encontro de cada mês, permanecem sempre abertos sobre as mesas e são constantemente consultados pelos professores Juruá e pelos cursistas. Por vezes, os professores Juruá pedem aos cursistas que leiam o texto em voz alta, intercalando a leitura com explicações e discussões. Outras vezes, como no caso da professora de Matemática, o Caderno é utilizado para a proposição de atividades que envolvem a observação, resolução e registro dos exercícios (Figura 2). Destarte, em todas as aulas observam-se atividades de leitura e escrita executadas por meio do Caderno Paradidático.



Figura 1 Cursistas resolvendo atividades no caderno

Além do registro escrito, os cursistas também são estimulados a registrar os conteúdos das aulas por meio de desenhos (Figura 3). Na aula em que a Gabriela Barbosa

utilizou os ovos de páscoa, parte da compreensão dos exercícios passava pela representação visual esquemática da disposição dos cursistas em relação à quantidade de ovos.



Figura 2 Cursistas ilustrando os órgãos na aula de Ciências.

Os cadernos também apresentam algumas imagens, como ilustrações, fotografias, gráficos e diagramas, que são utilizadas pelos professores Juruá para explicar determinados aspectos do tema da aula. Como alguns gráficos utilizados pela professora de Matemática para ensinar porcentagens. No uso destas imagens a grande maioria aparece sem legenda (Figura 4) e algumas não apresentam qualquer relação aparente com o texto. A falta de legendas acaba tornando imprescindível a explicação dos professores Juruá, para que se estabeleça o vínculo entre a imagem e o conteúdo da aula.

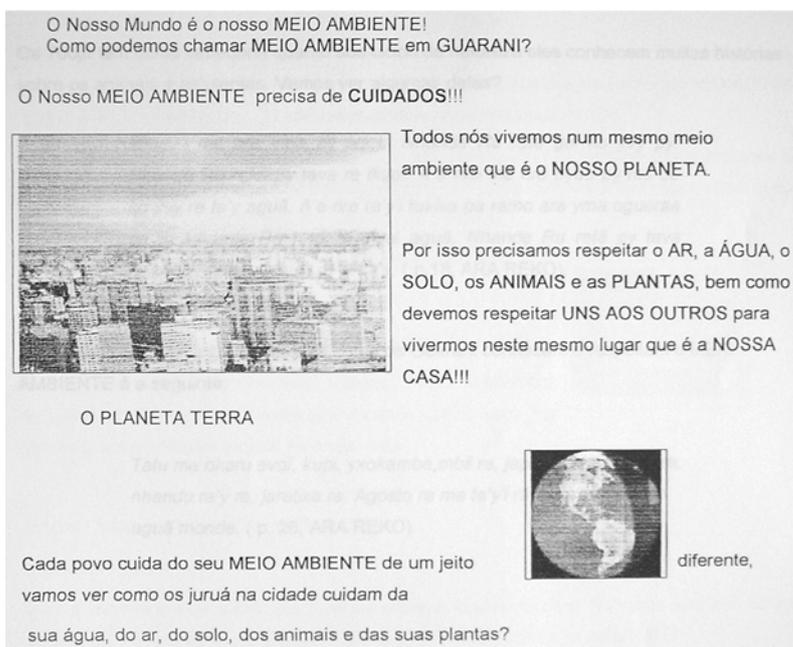


Figura 3 Imagens sem legenda em página do Caderno Paradidático.

Outros recursos são eventualmente utilizados, mas não de maneira sistemática como o Caderno Paradidático. Nas aulas Ciências, por exemplo, o professor Juruá utilizou um boneco antropomórfico (Figura 5) com os órgãos destacáveis para explicar o funcionamento do corpo humano, seus diversos sistemas, órgãos e funções. O boneco foi emprestado por uma bolsista e utilizado em uma ocasião apenas, por referir-se ao conteúdo específico da aula.

Em outra aula, desta vez sobre o ciclo da água, o mesmo professor utilizou-se de recipientes de plástico, algodão e terra para realizar uma experiência de construção de um filtro para água, destacando a utilidade dos materiais e a forma como a água pode ser reutilizada.

Do mesmo modo, a professora Juruá de Matemática presenteou os cursistas com calculadoras para que aprendessem a utilizá-las para facilitar o cálculo, e em especial para ensinar as operações de porcentagem. Neste caso, ferramentas como calculadoras, régua e tesouras podem ser utilizados em diversas aulas, de acordo com o tipo de conteúdo e atividades propostas pela professora Juruá.

Entre os materiais utilizados nas diversas aulas foram observados os usos de vídeo, livro, laptop para a exibição de imagens digitais, régua, calculadora, balança, bombons, ovos de páscoa, imagens como fotos, desenhos, gráficos, diagramas, anúncios de revistas e mapas, vegetais, terra, recipientes plásticos, escova de dente e boneco esquemático.

4.3.4. Rituais de Encerramento

Assim como no primeiro dia de encontro há um ritual de abertura, também no fim do último dia um ritual de encerramento do encontro, quando é feita uma avaliação geral por parte dos professores Juruá e dos cursistas. As orações são comuns quando os representantes dos Guarani falam, agradecendo a conclusão de mais um curso.

No encerramento do curso do mês de maio pude presenciar uma avaliação que me ajudou a compreender melhor o papel do grupo dos professores Guarani no Projeto: Um dos agentes, que não havia sido informado que os professores Guarani estavam em um curso de formação, lamentou a ausência deles, considerando o fato ruim para o curso, justificando que eles ajudam os agentes em suas dificuldades com a língua.

No mês seguinte, ao fim do novo encontro Darci Nunes de Oliveira, professor Guarani, foi informado sobre a queixa e tomou a palavra, lamentando sua ausência, mas atestando a importância que o evento tinha para sua formação profissional. Nesta oportunidade aproveitou para elogiar o desempenho dos agentes, reconhecendo o evidente aumento das capacidades dos agentes.

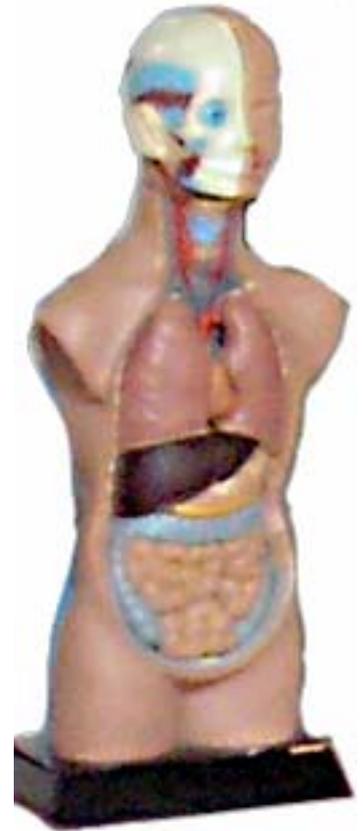


Figura 4 Boneco antropomórfico utilizado nas aulas de Ciências

O professor narrou que enquanto esteve no curso para formação de professores, em Santa Catarina pensou nos agentes de saúde e em como estaria sendo o desempenho do grupo. Darci disse que ficou imaginando como a equipe estava e que teve vontade de estar lá com eles, embora reconhecesse que era importante estar no curso para professores, pela oportunidade que teve de conversar com outros professores Guarani e discutir os problemas relativo à educação diferenciada. Para ele isso ajudaria muito as comunidades, pois ele entende que professores e agentes de saúde são líderes em suas comunidades, ambos são escolhidos dentro delas e têm responsabilidades para com elas. Assim, concluiu que o curso de Escolarização dos Agentes de Saúde é importante, pois observou o progresso da equipe e notou que “o pessoal já resolve problemas que não resolvia antes”.

A partir deste momento ficou nítida para mim a distinção entre os dois grupos, com objetivos e papéis diferentes dentro do curso. Ficou claro também o sentimento de coletividade e o espírito de grupo que os une, determinando a presença dos professores Guarani em um curso não direcionado para eles, mas que desempenham um papel fundamental para a formação e fortalecimento do grupo como um todo.

4.3.5. Identidade e comportamentos

A aula é observada por uma série de pessoas como, por exemplo, as bolsistas, como mencionado no capítulo anterior, que distribuem o caderno paradidático do mês, gravam as falas do professor Juruá para posterior transcrição, anotam os termos em guarani para organização do dicionário e preparam o diário de classe. Essas atividades têm por objetivo a produção dos relatórios sobre a aula, para posterior documentação e avaliação do curso pelos coordenadores.

As relações com os cursistas são, na maioria das vezes, bem amistosas, pois muitas bolsistas estão presentes no projeto do curso desde o início e já conhecem relativamente bem o perfil dos cursistas. No entanto, é evidente que suas expectativas em sala de aula relacionam-se com o ponto de vista de quem ensina. Logo, elas esperam que todos sejam “bons alunos” dentro de seu entendimento de bom ou mau aluno. A situação pode ser ilustrada, por um momento do curso em que um dos agentes, considerado “mau aluno”, chegou atrasado à aula. Um das bolsistas prontamente comentou comigo que além dele “não saber nada” e “chegar atrasado”, ele ainda “ficava conversando” sem “prestar atenção na aula”. Outro momento que corrobora a situação remete ao episódio em que a bolsista ao conversar com o agente, afirmou que ele “não sabia nada sobre o assunto” por

ficar conversando. O agente pareceu tomar a afirmação como desafio e, logo em seguida, entrou na discussão da aula de ciências afirmando que segundo o ensinamento de seu pai, quando o “tampo da cabeça” da criança permanece “aberto” até um ano e cinco meses, um ano e seis meses, é sinal que a criança “não está gostando de sua estadia na Terra”, e está ainda “muito ligada a Deus (Nhanderu)”.

Na sala de aula há o espaço determinado para o diálogo, no entanto são comuns os momentos em que o grupo Guarani busca conversar apenas entre si. A natureza dos assuntos é difícil saber, pois são, muitas vezes, restritos ao uso da Língua Guarani, podendo até configurar assuntos censurados ao ouvido Juruá. Possivelmente, o que eles consideram que os professores Juruá não devem ouvir são faladas na língua nativa, pois é comum após os comentários surgirem risadas, o que deixa às vezes os professores Juruá ligeiramente constrangidos.

Há, na sala de aula, também, momentos de silêncio e de poucas palavras. Alguns cursistas, quando inquiridos aparentam timidez ou insegurança, falando numa voz baixa a tal ponto que eu era incapaz de escutar o que foi dito a poucos metros de distância. A situação me fez atentar para o fato que, de um modo geral, os Guarani costumam falar baixo. Eu pessoalmente jamais presenciei um Guarani levantando a voz, e acredito que tal gesto fosse interpretado como algo extremamente mal educado e grosseiro. Para se ter uma noção, o alcoolismo que é um dos grandes problemas que aflige as aldeias, possui como um dos aspectos negativos a característica de levar o ébrio a falar alto.

No contexto Guarani, falar baixo não é sinônimo de timidez ou insegurança, mas um valor cultural, que se manifesta em homens e mulheres, e reforça a característica do Guarani de se manter calado, com a sabedoria de quem celebra o silêncio. Como disse um dos agentes sobre uma das dificuldades em lidar com a saúde Guarani: “às vezes o Guarani está se sentindo mal, de saúde ou de espírito, e ao contrário dos outros, ele não fala. Não fala e às vezes melhora”.

4.4. Contraste cultural

É possível concluir que as relações da sala de aula são fortemente marcadas pelos diversos contrastes situados pelas oposições entre Guarani e Juruá, professor e cursista, conhecimento formal e conhecimento informal, professores indígenas e agentes indígenas, etc. Estas oposições, embora tentem ser contornadas pelos grupos, tornam-se muitas vezes evidentes e constituem uma das principais características do Projeto de Escolarização dos Agentes de Saúde.

O contraste entre os universos Guarani e Juruá permite rever o papel de aluno, na medida em que os cursistas deixam de ser apenas agentes passivos da educação e seus saberes passam a ser valorizados pelos professores Juruá, que buscam reconhecer esses conhecimentos e utilizá-los na sala de aula. Apesar do confronto de papéis e de culturas, há de um modo geral um interesse comum, que alinha as expectativas dos grupos envolvidos. Neste sentido, a escolarização dos agentes de saúde indígena como objetivo maior garante o espaço de negociação entre os interesses particulares de cada personagem envolvida.

Entretanto, mesmo com as negociações e as abordagens que buscam negociar os interesses dos grupos e buscar equilíbrio entre as duas culturas, surgem, ainda assim, dificuldades e desentendimentos, evidenciando que a constante avaliação é um elemento importante para a crítica e a melhoria do projeto ao longo de todo o processo.

Observando o caso do professor de Ciências, que se interessa em nomear os conhecimentos das Ciências Juruá com nomes em guarani, podemos notar que mesmo uma prática mais informal e voltada para o contexto Guarani acaba trazendo dificuldades para os cursistas em relação à retenção dos conteúdos. Quando questionados durante os exercícios dos encontros semi-presenciais, os cursistas demonstraram dificuldades em lembrar os órgãos do corpo humano que foram trabalhados no encontro presencial. Para sanar esta dificuldade, a orientação dada ao professor de Ciências pelos coordenadores foi que buscasse trabalhar mais os exercícios, para facilitar o domínio dos conteúdos pelos cursistas.

O fato demonstra que apesar do sucesso em aproximar as Ciências Juruá do universo de significação da Língua Guarani, o tipo de expectativas em relação à apropriação dos conteúdos segue um modelo consolidado no ensino escolar Juruá. Notemos que a própria proposta do curso, como um projeto de escolarização de jovens e adultos, supõe a construção de um conhecimento situado no âmbito da educação escolar, que estabelece mecanismos de ensino e de avaliação diferentes daqueles da educação informal.

O contraste entre ensino escolar e ensino informal também pode ser exemplificado pelo embate entre o agente de saúde e a bolsista, na situação em que uma das bolsistas desafiou um dos agentes a demonstrar um conhecimento sobre a aula e este narrou um exemplo fundamentado em sua cultura, como mencionado no tópico anterior. Mesmo considerando que tensões de ordem pessoais entre estes indivíduos possam existir, notamos que o desafio revela uma expectativa por parte da bolsista em relação aos maus-alunos, em especial uma predisposição em esperar uma má atuação destes indivíduos. Se por um lado a resposta do agente

surpreende, ao manifestar que tem conhecimentos a acrescentar à discussão de sala de aula, por outro lado também confirma que, mesmo que o agente tenha conhecimentos formados fora do ambiente escolar, espera-se dele um tipo de postura e de conhecimentos que são constituídos no ambiente escolar. Neste ambiente, são formadas as noções de bom e mau aluno, que não consideram o que o indivíduo efetivamente conhece, mas um modelo de comportamento e de conhecimento específico da sala de aula.

Contudo, devemos considerar que as estratégias pedagógicas também se configuram como elemento estranho aos saberes tradicionais e podem causar desinteresse nos cursistas. Como exemplo, vemos que a professora de Matemática procura resgatar elementos presentes no cotidiano para propor os exercícios e reforçar as informações já conhecidas. Nesse movimento de resgatar conceitos e reforçá-los, ela acaba criando séries de exercícios semelhantes, que para os cursistas tornam-se repetitivos, levando-os a manifestar expressões como “muito chato” ou por meio de justificativas irônicas para não realizar os exercícios, porque o cursista “já fez o outro”. Apesar de repetitivos, não observamos as mesmas dificuldade de fixação por parte dos cursistas, como no caso da aula de Ciências, o que evidencia a necessidade de equilíbrio entre dever e prazer.

Frente à função disciplinadora da Escola, os cursistas utilizam-se da Língua Guarani como forma encontrada de subverter o controle dos professores Juruá, constituindo um momento em que manifestam maior liberdade para se expressar. A língua portuguesa é utilizada ao longo das aulas pelos professores Juruá e permite que estes controlem o diálogo dentro da sala de aula, de acordo com o teor das conversas. Através do espaço garantido para o uso da Língua Guarani, os cursistas podem subverter este ambiente disciplinador da Escola, e deixar de lado o papel de cursistas, para agirem, ainda que momentaneamente, guiados pelo modo de ser Guarani.

Observamos que o uso da Língua Guarani representa duas funções importantes para os cursistas. Primeiro, por que o uso da língua é uma forma dos cursistas exercerem sua identidade Guarani. A língua, neste sentido é um elemento que dá coesão e distinção ao grupo a tal ponto que chega até a desencadear discussões acerca de diferenças étnicas e regionais sobre o seu uso adequado. Em segundo lugar, podemos compreender o uso da língua como forma dos cursistas exercerem sua autonomia, podendo conversar através de um código restrito, só dominado pelo grupo, que lhes garante o poder de excluir os professores Juruá das conversas, se assim desejarem.

Diante do contraste entre a disciplina da escola e o modo de ser Guarani, notamos que o curso se caracteriza não por uma abordagem puramente baseada no universo da cultura Guarani, mas pela busca de equilíbrio entre as práticas escolares tradicionais e o universo cultural Guarani, constituindo assim um universo *híbrido* em que se encontram tanto as estratégias pedagógicas da escola Juruá, quanto o repertório dos saberes tradicionais Guarani. Seja pela falta de exercícios para fixação dos conteúdos, seja pelo excesso, fica evidente o esforço dos professores Juruá em estabelecer estratégias pedagógicas que atendam da melhor maneira possível às dificuldades apresentadas durante o curso.²

No entanto, além do cuidado com as estratégias pedagógicas, da abordagem de temas relativos à cultura do grupo, outro fator que se mostra importante no processo de aprendizado é a relação com o tempo, e em especial o tempo para o aprendizado.

Durante uma das aulas um dos agentes afirmou que “o Guarani antigamente não tinha que ensinar com os livros, era pela conversa e não tinha pressa, não tinha um tempo certo para ensinar”. O tempo certo para a aprendizagem de algo era “quando a criança perguntava”, então os mais velhos deveriam ensiná-la. Entretanto, inseridos na dinâmica do ensino escolar, esta noção de tempo indeterminado é substituída pela segmentação do tempo através dos horários fixados para as aulas, refeições, deslocamento, etc. A partir da rotina determinada pela organização dos encontros presenciais, os Guarani demonstram sua adaptação ao tempo segmentado ao cobrar dos professores Juruá o rigor com os horários das refeições e dos intervalos, quando os docentes estendem a duração das aulas.

A partir desta noção do tempo de aprendizado Guarani podemos detectar o choque inevitável com a noção escolar, em que a turma deve aprender um conteúdo específico dentro de um intervalo de tempo determinado. Para minimizar o choque, os professores Juruá procuram consultar os cursistas sobre o ritmo das aulas e os Organizadores buscam adequar o currículo e a organização dos encontros presenciais às necessidades destes cursistas.

O aprendizado também está relacionado ao espaço de estudo. A definição de um local específico para as aulas e para a resolução de exercícios contribui diretamente para o fortalecimento da prática do estudo, como foi observado em relação aos encontros semi-presenciais que, ao ganharem um local e um tempo definido para sua realização, permitiram um maior índice de resolução dos exercícios. Assim,

² Neste caso, observamos o fenômeno do hibridismo a partir da definição de cultura de Canclini (1995) como um processo de montagem multinacional, uma articulação flexível de partes.

observamos que o deslocamento do lugar da aldeia para o lugar da escola foi determinante para reconhecer e desempenhar o papel de cursistas em atividade escolar.

Em relação aos materiais didáticos e paradidáticos empregados, destacamos a importância desempenhada pelos Cadernos Paradidáticos, que constituem o fio condutor das atividades dos alunos nas diferentes etapas do curso, nos encontros presenciais, semi-presenciais e estudo dirigido. Contudo, mesmo sendo fundamental para avaliação do percurso dos cursistas, os Cadernos Paradidáticos não constituem elementos independentes e auto-sustentáveis, pois o tempo todo dependem da mediação realizada pelos professores Juruá, através de incentivo e cobrança para que o material seja utilizado.

Entre os principais empregos no ensino presencial observamos o uso dos Cadernos ligados à leitura, registros de conteúdos complementares e resolução de exercícios (como mencionado no tópico 4.3.3). Neste sentido, os Cadernos constituem um elemento fundamental e distintivo do processo de escolarização, na medida em que se afasta das práticas orais e informais Guarani, para se tornar registro escrito e prática de leitura do ambiente escolar, desenvolvido na sala de aula com a mediação dos professores Juruá. Além dos usos direcionados aos conteúdos das disciplinas, é a partir dos usos do material que também são consolidadas as práticas relacionadas à Língua Portuguesa e Guarani.

Diferente dos usos dos demais recursos didáticos, que em geral possuem um caráter demonstrativo, no sentido de exemplificar determinado conteúdo ou situação, os Cadernos Paradidáticos também exigem, por princípio, a interação dos cursistas através das atividades de desenho e escrita. Marcam, portanto, uma passagem em relação a forma de aprendizagem ao estabelecerem estas práticas de leitura escritas, embora às vezes consolidada um pouco a contragosto.

Neste sentido, fica evidente que os Cadernos Paradidáticos, mesmo sem possuir uma organização dos conteúdos e produção visual elaborada, alcançam os cursistas através da mediação dos professores Juruá, que são também autores. Como no caso das imagens sem legenda, o professor Juruá pode suprir sua falta através da explicação, mas esta estratégia resume-se apenas ao momento em que ele, enquanto docente e conteudista, estiver presente.

Entretanto, cabe questionar até que ponto os Cadernos, enquanto registro escrito, devem permanecer tão dependentes da mediação do professor Juruá. Uma vez colocada a importância do Caderno Paradidático para o curso e a mediação realizada pelo docente/conteudista junto aos cursistas, a relação entre leitor e suporte fica pendente, carecendo de uma investigação sobre as mediações dos

Cadernos Paradidáticos entre os cursistas e o os textos dos professores Juruá.

Não obstante, mesmo uma investigação sobre a mediação do Caderno Paradidático não pode ignorar a importância da mediação do professor Juruá, assim como o fato que este material está vinculado a outras formas diversas de mediação, exercida por diversos agentes em diversos níveis, como o próprio conhecimento dos agentes de saúde, as mediações dos professores Juruá e Guarani, as línguas, as culturas, as trajetórias individuais e coletivas, etc.

Portanto, verificamos o Projeto de Escolarização dos Agentes de Saúde define-se pelo desafio frente ao contraste entre as culturas Juruá e Guarani, e a resposta a esse desafio encontra-se na tentativa de equilíbrio entre ambas. Na maior parte do tempo observamos a intenção manifestada pelos professores Juruá em respeitar o universo cultural Guarani, propondo-se ao desafio de dialogar com o conhecimento dos cursistas. Também há por parte dos cursistas a noção da importância do curso para sua formação, e da importância desta formação para o bem da comunidade, constituindo este grupo não apenas como sujeitos que devem aprender, mas que participam de um projeto coletivo de fortalecimento de sua comunidade. Há, portanto, que se considerar que o curso existe na negociação entre Juruá e Guarani, e é produto destas tensões e dos contrastes culturais.³

³ Negociação esta análoga ao entendimento de Elias (1994), quando o autor observa a sociedade enquanto fenômeno reticular, ou seja, como fruto das interações entre os indivíduos.